



Epagri pesquisa fruta exótica

O achachairu, também conhecido como bacupari boliviano, é objeto de estudo de pesquisadores da Epagri/Estação Experimental de Itajaí. Os testes com a fruta exótica são realizados no litoral de Santa Catarina e em regiões de média altitude com o objetivo de avaliar o potencial da espécie para cultivo comercial no Estado. A meta é incluir a espécie na recomendação de cultivares da Epagri já no próximo ano.

Na Epagri, o achachairu foi introduzido em 2005 pelo pesquisador Takazi Ishi, que trouxe frutos dessa espécie da Bolívia. Dois anos depois, a espécie também foi identificada na propriedade do produtor Walnir Machiavelli, de Camboriú, onde havia sido plantada pelo morador anterior. A partir daí, as 15 plantas da propriedade passaram a ser estudadas. A pesquisa inclui avaliação da produtividade e da qualidade dos frutos e testes de multiplicação vegetativa e por sementes.

No ano agrícola 2009/10, foram colhidos de 2 mil a 3 mil frutos por planta, o equivalente a uma produtividade de 12.580 a 18.870kg/ha. Com sementes dos frutos de Camboriú, foram obtidas mais de mil plantas para a realização de testes sobre o comportamento da espécie em seis unidades demonstrativas distribuídas pelo litoral catarinense. A partir das observações nessas áreas, serão feitas recomendações de locais onde a frutífera poderá ser produzida no Estado.

Pesquisas preliminares indicam que o bacupari boliviano (*Garcinia humilis* Vahl) tem larga vantagem em relação ao bacupari nativo ou mirim

(*Garcinia gardneriana*), comum em pomares das regiões Sul e Sudeste brasileiras. A espécie nativa tem como *habitat* a Mata Atlântica e ocorre do Ceará ao Rio Grande do Sul. Os frutos são lisos, com polpa de sabor acidulado e amadurecem de outubro a janeiro.

Já a espécie boliviana tem frutos com peso médio de três a quatro vezes maior (34 a 44g, contra 9 a 10g do nativo) e teor de polpa elevado. “Além disso, ela é menos atacada pela mosca-das-frutas, a principal praga do litoral, provavelmente pela maior espessura da casca, e o sabor é excelente”, acrescenta o engenheiro-agrônomo e pesquisador Eliséo Soprano.

Potencial de mercado

Soprano acredita que a frutífera tem grande potencial para o cultivo no litoral catarinense e deve ser bem aceita pelos consumidores dentro e fora do Estado. Entre as vantagens

estão a boa produtividade, a facilidade de manejo, a longa durabilidade do fruto após a colheita e a tolerância ao manuseio e ao transporte. “Em ensaios preliminares, verificamos que o bacupari boliviano pode permanecer na planta por até dois meses e, na prateleira, por até 30 dias”, detalha.

Originário da floresta tropical de média altitude da Bolívia, o achachairu foi introduzido recentemente em São Paulo e no Nordeste brasileiro. Ainda há poucos estudos consistentes sobre a planta, que pode atingir de 5 a 6m de altura e é multiplicada por sementes, com início de produção no quarto ou quinto ano após o plantio. O período de produção vai de janeiro a abril. O fruto, com polpa branca e suculenta e sabor doce-acidulado, é consumido *in natura* e também pode ser usado como ingrediente de doces, sorvetes, picolés e licores. Além disso, é rico em potássio e contém quantidades razoáveis de vitaminas B e C. ■



O bacupari boliviano tem grande potencial para cultivo no litoral catarinense

Foto de Nilson O. Teixeira

Tomate sem resíduo de agrotóxico é produzido pela primeira vez no Brasil

A Embrapa Solos conseguiu, pela primeira vez, produzir tomate não orgânico sem resíduo de agrotóxico. O feito foi possível com a aplicação de um novo sistema de produção chamado Tomate Ecologicamente Cultivado (Tomatec). As análises, feitas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), provaram a pureza da hortaliça.

“O conceito do Tomatec é amplo. Esse sistema envolve o trabalho de conservação de solo e água com a introdução do plantio direto do tomate na palha. Além disso, foram introduzidas técnicas de fertirrigação, manejo integrado de pragas (MIP) e ensacamento da penca de tomate”, resume o pesquisador da Embrapa Solos e líder do projeto, José Ronaldo Macedo.

O MIP - que prevê o monitoramento da lavoura para aplicar agrotóxicos na medida certa e apenas

quando são necessários - e a proteção física do ensacamento permitem reduzir o uso de agrotóxicos, evitam o ataque de brocas e o depósito da calda na casca do tomate. Já a técnica de fertirrigação possibilita mais eficiência no uso da água e de adubos mais solúveis, reduzindo os fortes níveis de adubação registrados nas



Análises da Fiocruz atestaram a pureza da hortaliça

lavouras. O sistema de plantio direto na palha, por sua vez, reduz a erosão decorrente do preparo inadequado do solo.

De acordo com o pesquisador, a técnica pode ser desenvolvida em qualquer região do País. “Em locais com muita precipitação é mais difícil por causa do ensacamento. Mas já temos demanda para levar o Tomatec a todas as regiões”, conta Macedo. Além de divulgar o sistema pelo País, o próximo passo é implantar a certificação e a rastreabilidade do produto. Essas medidas garantirão ao consumidor a compra de tomate sem resíduo de agrotóxico, enquanto o produtor receberá mais pela venda da hortaliça.

Mais informações com o pesquisador José Ronaldo Macedo pelo e-mail jrmacedo@cnps.embrapa.br ou pelo fone (21) 2179-4549. ■

Foto da Embrapa

Retorno social da Epagri é de R\$ 531 milhões

A contribuição da Epagri no retorno social que as tecnologias e ações da Empresa geraram para Santa Catarina em 2009 foi de R\$ 531 milhões. Além disso, a cada real investido na Empresa, R\$ 2,52 retornam em benefícios para a sociedade catarinense. Os dados foram revelados no Balanço Social de 2009. “O trabalho da Empresa gera um grande impacto positivo para a sociedade, e o Estado precisa tomar conhecimento desses números”, afirma o presidente da Epagri, Luiz Ademir Hessmann.

O documento presta contas dos recursos que os catarinenses investem em pesquisa e extensão rural. Para isso, foram avaliadas 28 tecnologias geradas e difundidas pela Epagri entre cultivares, sistemas de produção, atividades e processos em uso pelos sistemas agropecuário e pesqueiro de Santa Catarina.

A publicação também destaca ações voltadas à geração de renda, à melhoria ambiental e das condições de vida, à inclusão social, às questões de gênero e geração e à segurança alimentar. Em 2009, mais de 95 mil famílias de pequenos agricultores familiares e pescadores artesanais receberam atendimento da Epagri. As ações de inclusão social da Empresa envolveram 57 mil pessoas.

O Balanço Social é um demonstrativo publicado anualmente pelas empresas que presta conta dos resultados e impactos econômicos, sociais e ambientais resultantes de ações e projetos desenvolvidos. Para o engenheiro-agrônomo

Luiz Toresan, pesquisador da Epagri/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), que coordenou a elaboração do documento, esse instrumento é estratégico para avaliar as atividades e mostrar o nível de sustentabilidade das organizações. ■



A cada real investido na Empresa, R\$ 2,52 retornam em benefícios para a sociedade

Foto de Aires C. Mariga

Pesquisas aliam preservação e rentabilidade em caívas

Presentes na maior parte das propriedades rurais do Planalto Norte catarinense, as caívas são áreas formadas por vegetação remanescente de Floresta Ombrófila Mista. Parte delas está fora da reserva legal e da área de preservação permanente e é usada para fins econômicos, como a criação de animais e a extração de erva-mate. “O manejo mais adotado nas propriedades é o pastejo intensivo sem reposição de nutrientes. Como consequência, a produção de pasto é muito baixa e cessa nos meses de outono e inverno, tornando esse sistema pouco interessante sob a ótica econômica”, explica a engenheira-agrônoma Ana Lúcia Hanisch, da Epagri/Estação Experimental de Canoinhas.

Com o objetivo de utilizar esse bioma de forma racional e sustentável, garantindo a preservação das áreas, a Epagri pesquisa alternativas para aumentar a produtividade das pastagens em caívas. Os trabalhos envolvem melhoria da qualidade do solo, sobressemeadura e pastoreio rotativo. De acordo com Ana Lúcia, essas técnicas possibilitam elevar a

oferta de forragem e o período de utilização da área, com aumento médio de 2 mil litros de leite/ha/ano.

Para melhorar a produção de pasto consorciada com a erva-mate, os pesquisadores também estão estudando a adubação com cinza calcítica (produto da indústria de celulose) associada ao fosfato natural. O projeto, que já apresenta bons resultados, é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e deve ser concluído até o fim do ano.

Riqueza natural

As caívas têm diferentes densidades florestais e estrato herbáceo composto por pastagens nativas ou naturalizadas, extensivamente pastejadas. Elas abrigam espécies como araucária, erva-mate, imbuia, canela, guamirim, congonha, branquilha e várias frutíferas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que a área total ocupada por caívas no Planalto Norte catarinense seja de, aproximadamente, 70 mil hectares. ■



A área total ocupada por caívas no Planalto Norte catarinense é estimada em 70 mil hectares

Mais pasto no inverno

Para garantir forragem em boa quantidade nas caívas durante o inverno, os pesquisadores recomendam que se faça a sobressemeadura no mês de abril. “Essa técnica prevê a semeadura de pastagens anuais de inverno, como azevém, ervilhaca e trevo-branco, diretamente sobre as pastagens perenes de verão ou sobre os poteiros, sem o uso de máquinas ou arados”, explica Ana Lúcia, que também faz algumas recomendações:

- A pastagem deve estar bem rebaixada, com 5 a 10cm de altura.

- Antes de semear, aplique na área uma quantidade moderada de adubo. Os estudos da Epagri têm sido realizados com cama de aviário (2t/ha), calcário (2t/ha) e fosfato natural (400 a 800kg/ha). A adubação pode ser substituída por adubos formulados ou outras fontes de matéria orgânica, como esterco líquido de suíno (5 a 10m³/ha) ou, ainda, deixando o rebanho dormir por vários dias na área. Outra opção é a cinza calcítica.

- O solo deve estar úmido. Uma boa técnica é sobressemeiar logo após a chuva.

- Use as quantidades certas de sementes: 20 a 30kg/ha de azevém, 30kg/ha de ervilhaca e 1 a 2kg/ha de trevo-branco inoculado.

- Após a semeadura, deixe os animais entrar na área para que enterrem as sementes com o pisoteio.

- Feche a área por no mínimo 70 dias para que as sementes germinem e se desenvolvam. O ideal é dividi-la em piquetes para prolongar a qualidade do pasto.



Tecnologia identifica doenças em tempo real

Um diagnóstico rápido e preciso de doenças que atacam as lavouras é fundamental para assegurar o sucesso da colheita. Com essa preocupação, a Basf criou o Digilab 200, um serviço gratuito que auxilia na identificação dos sintomas de doenças que atacam os principais cultivos do Brasil e ajuda o produtor a escolher o procedimento correto de prevenção e controle. Com um microscópio digital capaz de aumentar a imagem até 200 vezes, o equipamento traz um *software* com banco de dados e imagens das principais doenças.

Ao suspeitar que a lavoura esteja sofrendo ataque de uma doença, o produtor recolhe amostras das plantas e as encaminha ao Gestor de Produtividade (profissional capacitado para operar o equipamento) mais próximo e, em poucos segundos, obtém o diagnóstico da lavoura. Isso permite ao produtor realizar o tratamento no momento certo,

evitando prejuízos causados pelo uso tardio ou inadequado de fungicida ou inseticida, número de aplicações insuficiente ou excessivo, assim como outras despesas desnecessárias que possam reduzir a rentabilidade.

O banco de dados foi desenvolvido com base em literatura especializada e com apoio de pesquisadores universitários. Na atual versão, estão disponíveis informações sobre doenças que afetam lavouras de 15 culturas. A tecnologia é utilizada em 13 Estados e mais de 150 cidades do País.

Nova versão

No início deste ano, a Basf lançou o Digilab 500, que alia um microscópio digital capaz de aumentar as imagens em até 500 vezes a um *software* que armazena um banco de dados com mais de 4.500 informações sobre imagens de pragas, doenças e ervas daninhas. A ferramenta é dispo-

nilizada a pesquisadores, cientistas e professores, enquanto o Digilab 200 é voltado para consultores e técnicos com o objetivo de melhorar a assistência ao produtor rural. Mais informações no site www.agro.basf.com.br. ■



Microscópio digital amplia a imagem em até 200 vezes

Homeopatia previne doenças na ovinocultura

Apesar de o uso da homeopatia animal estar mais concentrado em bovinos de leite, criadores de ovinos vêm obtendo bons resultados na sanidade dos rebanhos com essa prática milenar. A maior procura é para uso na prevenção e no controle de verminose, a principal praga da ovinocultura.

Segundo o diretor técnico e farmacêutico homeopático da

Orgânica Homeopatia Veterinária, Adenei Mattana, a técnica pode ser usada em todo o ciclo produtivo, atuando de forma preventiva ou melhoradora de desempenho em casos como aumento da fertilidade, prevenção de mastites, maior eficiência na assimilação de nutrientes e redução de estresse. “Em algumas enfermidades específicas os produtos são utilizados de forma curativa, apenas ajustando-se a dose”, explica.

O Conselho de Criadores de Cordeiro do Alto Uruguai Catarinense, com mais de 70 produtores, adotou o tratamento há 3 anos no rebanho de cerca de 4 mil matrizes. Os produtores conseguiram resolver praticamente 100% da infestação por verminose. “Os animais estão sempre prontos para o abate, com boa condição corporal e alta imunidade a doenças”, afirma Flávio Fontana, integrante do Conselho.

O criador confirma um aumento de custos da ordem de 10% para quem ingressa na homeopatia, mas diz que as despesas se diluem com o passar do tempo com a eliminação de tratamentos alopáticos porque o animal vai criando resistência natural e se torna imune a doenças. “Os resultados surgem em média 2 anos após a introdução da homeopatia”, conta.

No longo prazo, além da redução de custos com manejo e alopáticos, a homeopatia contribui para elevar o valor de mercado da carne e evita o descarte de leite. A redução do uso de produtos químicos também faz com que predadores naturais de muitos parasitas retornem ao ambiente e contribuam com o controle de infestações.

Fonte: Arco Jornal. ■



Foto de Aires C. Mariga

Prática melhora a imunidade dos animais e ajuda na prevenção e no controle da verminose

Embalagens de leite viram artesanato no Oeste

Em São Lourenço do Oeste, caixas vazias de leite não são lixo. Transformadas em peças como vasos, cachepôs, embalagens de presente, lixeiras, brinquedos e pulseiras, elas ganham uma nova utilidade e ainda ajudam a construir um município mais limpo, com cidadania e qualidade de vida. “Hoje temos um novo olhar para a embalagem de leite vazia. Sabemos que ela pode ser reciclada, transformada e reutilizada”, afirma Cleonice Trevisan Sutilli, extensionista da Epagri/Escritório Municipal de São Lourenço do Oeste.

A iniciativa está vinculada ao Programa Leite das Crianças – Leite Tipo Cidadania, criado pela Prefeitura em 2007 para reforçar a alimentação das crianças nos fins de semana. Conduzido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social em parceria com as secretarias de Educação, de Saúde, de Desenvolvimento do Interior e Agricultura e a Epagri, o programa atende 200 famílias que recebem, semanalmente,

três litros de leite cada uma, beneficiando cerca de 400 crianças. Até hoje, cerca de 70 mil litros de leite já foram distribuídos e nenhuma embalagem foi para o lixo.

Para receber o leite, as famílias devolvem as embalagens limpas da entrega anterior. As caixas são repassadas para projetos que dão destino adequado ao material. No Projeto de Artesanato, elas viram matéria-prima nas mãos de mulheres e estudantes do município, que, com criatividade, produzem uma série de peças. O trabalho beneficia as famílias atendidas pelo programa e outras famílias do município em escolas, clubes de mães, grupos de terapia e outras entidades. Cerca de 500 pessoas de São Lourenço do Oeste já aprenderam a técnica.

Criatividade

O projeto é disseminado em oficinas organizadas por grupos interessados em conhecer a atividade. Nas aulas, oferecidas pela exten-

sionista Cleonice em parceria com professores e instrutores das entidades, os participantes aprendem a transformar as caixas em embalagens de presentes, vasos, pulseiras e brinquedos. A cada oficina surgem ideias e novas peças são criadas. “Cada embalagem trabalhada é menos lixo contaminando o ambiente, é mais criatividade sendo trabalhada, é terapia. Quem começa não para até ver o resultado do trabalho”, conta a extensionista.

A maioria das famílias faz o artesanato para decorar a própria casa ou para dar de presente, mas algumas artesãs e entidades já comercializam as peças a preços que variam de R\$ 2,00 a R\$ 20,00. “Nosso objetivo é ensinar que podemos transformar as embalagens em lindos trabalhos que, futuramente, podem se tornar uma fonte de renda”, destaca Cleonice. Para multiplicar a ideia fora de São Lourenço do Oeste, a Epagri promove oficinas em municípios vizinhos e para extensionistas da região.

Outro projeto de reaproveitamento das caixas vazias de leite é o Reciclar Para Viver, coordenado pelo extensionista da Epagri Volmir Pinto de Oliveira. Nessa iniciativa, as embalagens são usadas no plantio de mudas de árvores nativas e ornamentais no Viveiro Municipal de São Lourenço do Oeste. “O mais importante é o resultado que esse trabalho traz: ocupação, criatividade, autoestima, conhecimento, troca de ideias e, acima de tudo, a convicção que podemos fazer algo para melhorar o meio ambiente e, com esse trabalho, lançar um olhar diferente sobre o que consideramos lixo”, destaca Cleonice. ■



Material é transformado em peças que podem se tornar fonte de renda para as famílias



Trigo: cultivares da Embrapa são opção para a próxima safra

Para os produtores que se preparam para semear a próxima safra de trigo, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) disponibiliza sementes com características agrônomicas ideais para produção em diversas regiões do País. Uma delas é a cultivar da classe pão BRS 220, que no ano agrícola 2009/10 foi a mais

plantada no Paraná, o maior Estado produtor do País. “Com elevado potencial produtivo, resistência ao acamamento e boa sanidade, ela também pode ser produzida em Santa Catarina e em São Paulo”, conta Luis César Tavares, pesquisador da Embrapa Soja, em Londrina, PR. O rendimento médio em ensaios no Paraná está em torno de 4.300 a 4.500kg/ha. Em Santa Catarina, a produtividade média varia entre 4.200 e 4.300kg/ha.

As cultivares BRS Pardela e BRS Tangará, das classes melhorador e pão, foram lançadas recentemente e já ocupam espaço significativo no mercado em função de suas características agrônomicas. Entre elas, o gerente de cereais de inverno da Embrapa Transferência de Tecnologia em Passo Fundo (RS), Francisco Tenório

Pereira, destaca a amplitude de adaptação, a qualidade de panificação e os altos potenciais de produtividade com boa resistência a doenças.

Outra cultivar recomendada para cultivo no Paraná e em Santa Catarina é a BRS 208. O grande destaque é a resistência a doenças foliares, como oídio, ferrugem da folha, manchas foliares e vírus do nanismo amarelo da cevada (VNAC), permitindo que se obtenham rendimentos satisfatórios com baixo uso de fungicidas químicos.

No Rio Grande do Sul, segundo Estado que mais planta trigo, a BRS Guamirim foi a cultivar da Embrapa mais requisitada na última safra. “A cultivar superprecoce da classe pão apresenta resistência ao acamamento e ótima sanidade foliar, além de ser altamente produtiva e ter ampla adaptação às regiões tritícolas do sul e centro-sul do País”, aponta Pereira.

Mais informações podem ser obtidas pelo fone (43) 3371-6000 e pelo e-mail tavares@cnpso.embrapa.br. ■



BRS 220 tem rendimento médio de 4.200 a 4.300kg/ha em Santa Catarina

Foto da Embrapa

Abelhas fazem cálculos complexos para determinar rota de voo

As abelhas podem solucionar problemas matemáticos complexos, superando até mesmo a capacidade de computadores para cálculos. Essa é a conclusão de um estudo desenvolvido por cientistas do departamento de ciências biológicas da Universidade de Londres, no Reino Unido.

Os insetos aprendem a utilizar a rota mais curta para chegar até as flores que costumam ser encontradas aleatoriamente pelo caminho, ou seja, a rota que economiza tempo e poupa energia: um dos princípios da questão matemática conhecida como “problema do caixeiro-viajante” (*traveling salesman problem*, em inglês). “Apesar de seu pequeno cérebro, elas

são capazes de façanhas extraordinárias”, comenta Nigel Raine, que participou da pesquisa.

A conclusão foi possível com a ajuda de um computador que controlou flores artificiais para identificar o comportamento das abelhas. A ideia era mostrar se os insetos seguiam uma rota comum conforme encontravam as flores ou se procuravam instintivamente a mais curta. O estudo concluiu que, depois de explorar a região florida, elas rapidamente tendem a voar pela rota mais curta. Os dados da pesquisa foram

publicados no jornal *The American Naturalist*.

Fonte: Folha.com. ■



Insetos escolhem rota com menor distância e menor gasto de energia

Foto de Nilson O. Teixeira

Kit Diversidade resgata produção de alimentos de famílias rurais

Em Guaraciaba, no extremo oeste de Santa Catarina, uma experiência inédita no Brasil realizada pela Epagri, em parceria com o Projeto Microbacias 2, resgatou, entre famílias de agricultores, a tradição de produzir alimentos para consumo próprio. A iniciativa nasceu em 2004, quando se descobriu que 75% do arroz, 65% da batata e 50% do feijão usados na alimentação das famílias das Microbacias Rio Flores e Lajeado Ouro Verde não eram mais cultivados nas propriedades.

A partir desse diagnóstico, e com a participação das Associações de Desenvolvimento das Microbacias, foi criado o Kit Diversidade, um conjunto de sementes de diferentes espécies e variedades locais produzidas e distribuídas entre os agricultores para promover a alimentação de acordo com princípios da agroecologia. “O objetivo foi melhorar a qualidade de vida e a segurança alimentar dos produtores. O programa envolveu 504 famílias e 52 variedades de 16 espécies vegetais”, conta Clístenes Antônio Guadagnin, extensionista da Epagri/ Escritório Municipal de Guaraciaba.

Em reuniões com as comunidades, foram identificadas as espécies e as cultivares de interesse das famílias. “Em todos os encontros surgiam informações sobre variedades de feijão, arroz, batatinha de ano, alho, melancia, amendoim, abóbora e aspectos relevantes de cultivo, como época de plantio, tratos culturais, colheita e conservação das sementes”, lembra Adriano Canci, técnico facilitador do Microbacias 2.

As sementes que compuseram o kit foram multiplicadas, colhidas, selecionadas e beneficiadas pelas famílias com acompanhamento e assistência técnica dos facilitadores do Microbacias 2 e extensionistas da Epagri. Durante o ciclo de cultivo houve acompanhamento de técnicos e agricultores vizinhos.

Os kits distribuídos entre as famílias continham sementes de 5 a 12 cultivares de 5 a 8 espécies, como

feijão, milho, batatinha, alho, ervilha, arroz, abóbora, moranga, melão, amendoim, tomate, batata-doce e melancia. Além disso, traziam orientações para o cultivo das variedades baseadas no conhecimento dos agricultores e técnicos envolvidos no projeto.

Guadagnin destaca que o Kit Diversidade resgata a autoestima dos agricultores em produzir alimentos conservando a sabedoria dos antepassados e o conhecimento técnico sobre o cultivo dessas variedades. “Além disso, serve como ferramenta para discutir o desenvolvimento sustentável e possibilita a troca solidária de

sementes entre as comunidades, contribuindo para a conservação da biodiversidade”, afirma.

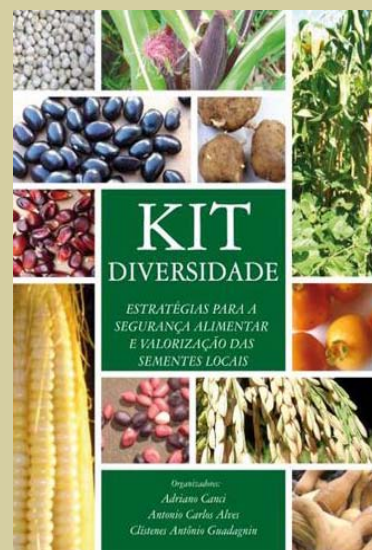
Com o projeto, a porcentagem de famílias que não produziam o próprio arroz caiu de 75% para 42%. Para o feijão, a redução foi de 50% para 23%. Diagnósticos realizados em 2008 com famílias de baixa renda revelaram que a produção de cereais, como arroz e feijão, itens de origem animal, como leite, ovos e mel, e artigos processados, como queijo, salame, banha, melado e conservas, gerou uma economia anual variável entre R\$ 750 e R\$ 4.500. “Essa poupança representa, no mínimo, 30% da renda bruta da maioria das famílias”, calcula Guadagnin. ■



Projeto melhorou a qualidade de vida e a segurança alimentar dos produtores

História publicada

Para compartilhar o sucesso da experiência, os idealizadores do projeto produziram o livro “Kit Diversidade: estratégias para a segurança alimentar e valorização das sementes locais”. Lançada no final de 2010, a publicação foi organizada por Adriano Canci, do Microbacias 2, Clístenes Antônio Guadagnin, da Epagri, e pelo professor Antonio Carlos Alves, do Departamento de Fitotecnia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para adquirir a obra, basta entrar em contato pelo e-mail emguaraciaba@epagri.sc.gov.br ou pelo telefone (49) 3645-0249. A publicação custa R\$ 10,00.





Máquina de ar quente elimina pragas em videiras

Uma nova tecnologia sustentável capaz de combater doenças nas videiras está animando produtores brasileiros. O equipamento, batizado de Thermal Pest Control (TPC), foi desenvolvido pelo chileno Florencio Lazo e funciona liberando para as plantas jatos laminares de ar quente, com temperatura entre 120 e 150°C.

O ar liberado pelo TPC beneficia a lavoura de duas formas. A primeira é o auxílio no controle de fungos, bactérias e insetos que não resistem a essa temperatura. Outro efeito é o estímulo à produção de fitoalexinas, substâncias de autodefesa das plantas, aumentando o grau de imunidade das videiras. O equipamento é movido a gás liquefeito de petróleo (GLP) e puxado por trator.

A Vinícola Geisse, de Bento Gonçalves, RS, foi a primeira a utilizar a tecnologia no Brasil. Em uma área de 22ha plantada com as variedades Chardonnay e Pinot Noir, o TPC é usado uma vez por semana a partir da brotação das plantas, dispensando o uso de defensivos químicos. “Começamos a usar a tecnologia na safra de 2007, com resultados surpreendentes desde o início”, conta Carlos Abarzua, enólogo e diretor da vinícola.

Além de preservar o meio ambiente, a tecnologia melhorou a sanidade das plantas e a qualidade das uvas sem elevar o custo de produção. “Estamos nos enquadrando no que poderia ser chamado de produção ecológica e ecoeficiente. Já podemos garantir produtos sem nenhum tipo de resíduo químico”, explica o enólogo. O uso do TPC também preserva a saúde dos trabalhadores da lavoura, que não têm mais contato com produtos químicos durante a maior parte do processo produtivo. Além disso, a vinícola conseguiu reduzir o uso de água, que era usada nos tratamentos com agrotóxicos, e, embora a mão de obra não tenha sido



Tecnologia auxilia no controle de fungos, bactérias e insetos, além de melhorar a imunidade das plantas

reduzida, o trabalho ficou mais fácil e rápido.

Aplicações variadas

No Brasil, cerca de 40 produtores utilizam o equipamento, fabricado pela Lazo TPC. Na grande maioria são produtores de uvas do Rio Grande do Sul, da região do Vale do Rio São Francisco, de São Paulo e de Santa Catarina. “Como a tecnologia está em fase de implantação, focamos na produção de uva, laranja e café. Com a uva, consolidamos excelentes resultados no Brasil, na Nova Zelândia, no Chile, na Europa e na Califórnia. No caso do café, estamos trabalhando para aumentar o conhecimento sobre os já comprovados resultados positivos, e, no caso da laranja, o equipamento precisará sofrer alterações”, explica Diego Arpini Valério, gerente executivo da Lazo TPC do Brasil. A

tecnologia também já foi testada em culturas como tomate, alface, morango, couve-flor, maçã, pera, ameixa e cereja, com resultados positivos. Pesquisadores da Epagri/Estação Experimental de Videira acompanham a evolução dos testes para recomendar e desenvolver novos trabalhos na área caso a tecnologia se mostre viável.

Graças a uma parceria entre a Lazo TPC do Brasil e a SHV Gas Brasil, proprietária da marca Supergasbras, o equipamento é fornecido em comodato para empresas e produtores. “Como os produtores usam GLP como combustível, o custo da máquina é momentaneamente subsidiado pela Supergasbras”, explica Valério.

Os produtores interessados em usar a tecnologia devem entrar em contato com a Lazo TPC do Brasil pelo telefone (54) 3464-0478 ou pelo e-mail contato@lazotpcdobrasil.com. ■